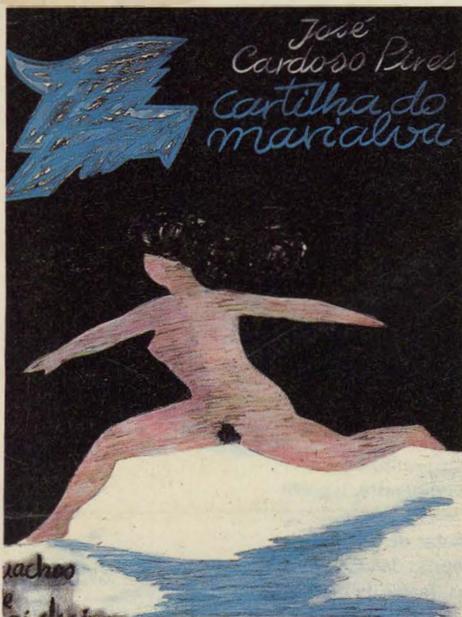


## LIVROS

# Um goliardo em Lisboa

*Avenidas Novas, 1960: um autor "diabólico", inspirado por Roger Vailland, associava o libertino e o racionalista do século das luzes numa edição quase secreta. Que resta da sua actualidade?*



Quem, desde 1960, tenha vindo a ler a "Cartilha do Marialva", de José Cardoso Pires, repetindo o encontro com o texto em 1973 ou 1976 e agora neste final de 1989, conhece-o como um palimpsesto, isto é: como uma superfície a que se foram acrescentando palavras, notas, exemplos, intenções. Deste modo, a "Cartilha" foi sendo, sucessivamente, um "texto em progresso", cujos efeitos de actualidade puderam matizar-se à luz dos anos que com ele corriam.

Esse sabor a palimpsesto, a pintura que se raspa para se lhe descobrir por baixo outra pintura, outra versão, outras intenções, é acentuado por dois ilustradores que trabalharam para o texto em épocas bem distintas: João Abel Manta para a edição de 1973, Costa Pinheiro para a que agora vem a lume.

Em 1960, saída para a rua em apenas 350 exemplares, a "Cartilha" foi um grito herético e quase secreto, que sacudia a consciência moral da inteligência lis-

boeta. Relida quase 30 anos depois, ganhou o perfil sedimentado de uma sageza e reconhecemos-lhe um peso premonitório: só no final da década de 60, e depois nos anos 70, os franceses voltariam, pela mão de Barthes e de Sollers, a uma reflexão sistemática sobre o libertino e a sua racionalidade.

A "Cartilha" é uma dissertação, inspirada por Roger Vailland, sobre o espírito libertino e os antilibertinos. Cardoso Pires lançou quatro personagens na sua mesa de trabalho para estudar os riscos calculados que assumiram em vida e a atitude que exprimiam: o Cavaleiro de Oliveira e Giacomo Casanova, D. Luís da Cunha e Bernis. Mas não quis fechar-se em Setecentos e procurou a genealogia do libertino até aos go-

liardos e ao Abelardo de "Heloísa". Depois veio para Oitocentos estudar a sobrevivência libertina e a reacção marialva na literatura: "Toda a meditação sobre o marialvismo pressupõe meditação sobre as influências irracionais na sociedade portuguesa", diz ele. No fundo, para Cardoso Pires, que escreveu diante do *corpus* soberbo de um espólio que incluía Choderlos de Laclos, Saint Just e o próprio Vailland, a guerra entre libertinos e marialvas era a metáfora da guerra entre cidade e serras, racionalismo urbano e irracionalismo rural.

Mas não é só devido a este movimento amplo que o seu exercício de 1960 ganha uma cor queirosiana: é também pela proximidade e dependência, então, em relação às letras francesas, à aventura francesa do espírito - e do corpo, sendo o seu tema o que era.

Como para os franceses, o que estava em causa para Cardoso Pires não era apenas a arte de amar contada pelo indi-

vidualista reflexivo das Luzes; era a "nova" dimensão de comportamentos racionais e perversos na *polis*: a razão contra o barroco, o jogador imoralista contra os protagonistas da moral de Estado. Pires terá associado generosamente o "libertino" ao "revolucionário", assediado que estava por citações de Saint Just, o homem que, em plena Convenção, anunciara que a felicidade na Terra era possível. Em 1960, essa generosidade provocava em Lisboa o efeito de uma subversão não apenas política mas moral. Quer dizer: Cardoso Pires assumia-se como "danado", um verdadeiro goliardo nas avenidas novas salazaristas.

É curioso que, depois de 68, depois dos libertinos anos 70 e da "revolução sexual", nestes anos de novo terror moral provocado pela sida, a sua dissertação não deixe exclusivamente um travo datado.

Por um lado, a evocação da atitude composta do libertino de Setecentos, que propunha uma instrumentalização do corpo e se confessava em cartas de reflexão, tornou-se um gesto clássico, um saber nostálgico. Já não sairá, com esse sabor, da história literária e da memória erotizada dos comportamentos transgressivos.

Por outro lado, o texto teima em actualizar os seus efeitos combatentes. A militância pelo libertino sobrevive transformada em acto de cultura. Mas já ganha algum verdete. Veremos, mal falemos dos anos 80 como "idos", se resiste ou passa a peça de museu. □

## CARTILHA DO MARIALVA

José Cardoso Pires

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE/CÍRCULO DE LEITORES, 7ª Edição, com capa e guachos de Costa Pinheiro

João Mendes